

Adaptação Local, Escrita Original e Tradução

Maria Alice Antunes (UERJ)

Resumo:

*O presente trabalho apresenta uma análise comparativa entre o autor-modelo inscrito no texto original *A Thousand Splendid Suns* (Riverhead Books, 2007) e aquele inscrito na tradução para o português – *A Cidade do Sol* (Nova Fronteira, 2007). A análise demonstra que o autor utiliza técnicas de adaptação local para trazer sua própria cultura (estrangeira, do ponto de vista do público-leitor norte-americano) para conviver com a cultura de chegada. A “transcrição do original” é uma marca freqüente do texto original escrito por Khaled Hosseini, que Maria Helena Rouanet, a tradutora para o português, nem sempre repete no texto traduzido. Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a posição do autor que mantém marcas de sua cultura de origem e sobre a posição do tradutor que facilita a leitura utilizando técnicas de adaptação local.*

Palavras-chave: autor-modelo, adaptação local, cultura estrangeira

Introdução

A Thousand Splendid Suns (Riverhead Books, 2007), escrito pelo autor afegão Khaled Hosseini, foi publicado nos Estados Unidos, rapidamente tornou-se *bestseller* e permaneceu na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times* por 103 semanas (v. *Bookmarks Magazine*, 2004). Traduzido para o português por Maria Helena Rouanet, *A Cidade do Sol* (2007) ainda hoje (junho / 2008) freqüenta a lista de *bestsellers* do jornal carioca *O Globo*¹. O romance é o segundo escrito por Hosseini² e “oferece um retrato palpável da vida no Afeganistão ao longo das últimas quatro décadas – um conturbado período que inclui a invasão soviética, guerras civis, o regime talibã e a ocupação americana”³.

O livro, um produto de um autor afegão que tematiza uma cultura ainda pouco conhecida no Ocidente, faz parte de uma safra de romances publicados nos últimos anos (especialmente depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos) e responde ao desejo de leitores ávidos pelo conhecimento desse povo de cultura islâmica.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise comparativa entre o autor-modelo (ECO, 1979; ANTUNES, 2007) inscrito no texto original e aquele inscrito na tradução para o português. A análise se concentra nos itens de especificidade cultural (IECs, doravante) que o original apresenta para o leitor norte-americano e as escolhas de Maria Helena Rouanet ao traduzi-los para o português e verifica até que ponto a tradutora repete as estratégias de adaptação local inscritas pelo autor, criador do autor-modelo original, no texto traduzido.

1 O autor-modelo

Umberto Eco, semiótico, crítico literário, escritor e professor da Universidade de Bolonha, que já havia apresentado o conceito de “obra aberta” em seu livro de ensaios *Obra aberta* (1962), inicia sua exposição do papel do leitor afirmando que “um texto ‘aberto’ não pode ser descrito como uma estratégia comunicativa se o papel de seu destinatário (o leitor, no caso do texto escrito) não tiver sido considerado no momento de sua geração como texto” (ECO, 1979a, p. 3). Está implícita nessa afirmação a crença na escrita como uma atividade comunicativa e no fato de que, já que é comunicação, será preciso um leitor que exerça o papel de destinatário da mensagem, sem que este seja, contudo, o único papel exercido por ele. Para Eco, além de destinatário, o leitor é também co-participante do processo gerativo de um texto, pois “o autor tem de prever um modelo de leitor (o leitor-modelo) supostamente capaz de interpretar o texto da mesma maneira que o autor previu durante o processo de geração do mesmo” (p. 7). Isto significa que o leitor-modelo funciona como agente propulsor da produção escrita, levando o autor a fazer escolhas apropriadas ao leitor que tem em mente e registrá-las no texto. O fato de que Eco atribui ao leitor que exerce o papel de leitor-modelo a tarefa de “interpretar o texto da mesma maneira” pode levar-nos a crer que a

interpretação é um processo de descoberta de significados estáveis contidos em um texto. Entretanto, vemos que o leitor de Eco interfere, de certa forma, na própria criação na medida em que elabora significados ao seguir pistas registradas no texto, consciente ou inconscientemente, pelo autor do mesmo. Esclareço também que o leitor-modelo está presente no texto sob a forma de uma estratégia textual e que a interpretação consiste na reconstrução dessa estratégia, um processo potencialmente sem fim, mas que tem limites, já que haverá interpretações que, por não serem sustentadas pela coerência interna do texto, serão vistas como “sem êxito” por Eco (1979b, p. 41).

Durante o ato cooperativo da leitura, o leitor empírico – o “sujeito concreto dos atos de cooperação” (ECO, 1979b, p. 45-46) ou, em outras palavras, qualquer leitor que seleciona um texto para leitura – constrói hipóteses acerca do leitor-modelo presente no texto e faz conjecturas acerca do autor-modelo (ECO, 1979b, p. 45-46), atribuindo a este, e não às intenções do autor empírico – o sujeito concreto do processo de escrita –, as pistas deixadas no texto. O leitor empírico é quem formula hipóteses sobre o autor-modelo que, por sua vez, não espera simplesmente que o leitor-modelo exista, já que nem sempre a competência do leitor será semelhante à do autor. Na verdade, “todo ato de leitura é uma transação difícil entre a competência do leitor e o tipo de competência que um texto postula para ser lido de maneira econômica” (ECP, 2000, p. 84). Por isso, o texto deve “[contribuir] para produzi-la” (p. 40)⁴.

A competência do leitor, ou sua competência enciclopédica, abrange o “registro de funcionamento de uma língua em toda a sua complexidade, contemplando regras de significação e instruções pragmaticamente orientadas” (RABENHORST, 2002, p. 8). Considero também que a competência enciclopédica abrange um conjunto de competências – competência gramatical, sociolingüística, discursiva e textual – além do conhecimento prévio do leitor acerca do mundo que o cerca. Como dito acima, o autor-modelo, presente no texto, contribui para a construção da competência de seu leitor-modelo, mas devemos ressaltar que um texto pode demandar o uso de uma competência enciclopédica que o leitor empírico não tem e, por isso, este, talvez, não consiga seguir as pistas deixadas no texto para a interpretação. O caso de autores cujas obras tematizam culturas estrangeiras, quase desconhecidas de forma integral do público-leitor a que se destinam, exemplifica a distância entre competências enciclopédicas que pode dificultar a comunicação. Mas voltemos à construção da competência do leitor-modelo.

Um exemplo desse processo se dá, na tradução, através do uso da técnica da naturalização, quando “o tradutor decide aclimatar o elemento à realidade da cultura receptora” (BENTES, 2005, p. 60). Quando lê pela primeira vez um texto, o tradutor, leitor-modelo do original, constrói uma interpretação dele. Mas ao iniciar o processo de tradução em si, o tradutor imagina o leitor-modelo da tradução, diferente daquele do original e dotado, necessariamente, de competência enciclopédica distinta daquela que a leitura do texto-fonte demanda. O resultado da interação imaginária com o novo leitor provoca a inserção de modificações que visam auxiliá-lo, porque a ele falta o conhecimento acerca, por exemplo, da perspectiva cultural que informa o texto. Quando usa a técnica da naturalização, o tradutor insere na tradução um termo que julga conhecido do público-leitor estrangeiro e ao mesmo tempo facilita o ato cooperativo da leitura. Vejo ainda a naturalização como marca atribuída ao trabalho do tradutor presente no texto traduzido.

A interpretação de um texto é, como descrevi acima, prevista durante o processo de criação e o leitor, que exerce o papel de leitor-modelo e que compartilha a competência enciclopédica com o autor, ajudará um “mecanismo preguiçoso” (ECO, 1979b, p. 37) – o texto – a funcionar. É o leitor quem dá a partida na interpretação e, sem ele, ela não existe. Como já foi visto, o papel do leitor antecede a leitura propriamente dita porque o autor constrói o texto prevendo a atuação do leitor-modelo, mas não termina aí. Este atua também durante a leitura, quando constrói interpretativamente as previsões do autor, dando forma ao autor-modelo, também um construto do texto, a quem são atribuídas as pistas para a interpretação (ECO, 1994, p. 44). O autor empírico não necessariamente poderá explicar as pistas que deixou, já que elas nem sempre serão opções

conscientes, e, por isso, o autor-modelo é importante no processo de comunicação. No caso da tradução, é o autor-modelo que será, de forma intuitiva, tomado como referência pelo tradutor e que este (leitor-modelo do original) reconstrói na tentativa de ser fiel ao original. É importante destacar mais uma vez que, para Eco, o autor-modelo não se assemelha ao autor empírico, nem tampouco as escolhas registradas no texto deverão ser investigadas com base na sua história ou suas explicações, até porque nem sempre ele será capaz de explicar suas próprias estratégias (ibidem). O autor-modelo é aquele a quem o leitor *atribui* a seleção de estruturas sintáticas, de itens lexicais e de estratégias narrativas registradas na manifestação linear do texto e que servem de pistas para a interpretação.

Outras marcas atribuídas ao autor-modelo são descritas por Eco. Ele afirma que “todo tipo de texto seleciona um modelo bastante geral de leitor possível através da escolha (i) de uma língua, (ii) de um tipo de enciclopédia, (iii) de um dado patrimônio lexical e estilístico” (1979b, p. 40). Ao analisar o caso de *A Thousand Splendid Suns* (2007), verificamos que uma marca importante presente no texto original é a opção pela presença de itens culturais afegãos desconhecidos do leitor norte-americano, público-alvo do original.

Finalmente, é importante destacar que Eco argumenta que autor e leitor modelos não são realidades empíricas, pois ambos só têm vida no texto e “a cooperação textual é fenômeno que se realiza [...] entre duas estratégias discursivas e não entre dois sujeitos individuais” (p. 46). Ou seja, para Eco, o autor empírico não tem papel na interpretação do texto. Ele o escreve e, para escrevê-lo, precisa imaginar um interlocutor – o leitor-modelo – que será capaz de cooperar com sua criação. Cooperando com ela, seguindo as pistas e marcas lá registradas, o leitor-modelo recriará o autor-modelo, sem que o autor empírico tenha um papel a exercer aí. Eco considera, inclusive, que o conhecimento acerca do autor empírico poderá causar dificuldades na cooperação do leitor com o texto. O semioticista afirma que “nem sempre se pode distinguir tão claramente o autor-modelo” (ibidem) e, por isso, é comum que o leitor empírico tente contribuir com seus conhecimentos acerca do autor empírico para a construção do autor-modelo presente no texto. Entretanto, Eco argumenta que essa tentativa do leitor empírico tende a “ofuscar” o autor-modelo.

Mais recentemente, entretanto, Eco argumenta que a idéia de interpretação textual como a descoberta da estratégia com intenção de produzir um leitor-modelo, concebido como a contrapartida ideal de um autor-modelo (que aparece apenas como uma estratégia textual), torna a idéia da intenção do autor empírico radicalmente inútil. Temos de respeitar o texto, não o autor enquanto pessoa assim-e-assim. Todavia pode parecer um tanto rude eliminar o pobre autor como algo irrelevante para a história de uma interpretação. (2001, p. 77)

Eco ratifica, a princípio, sua visão do autor empírico como uma figura indesejável que atrapalha a cooperação do leitor com o texto, mas, por outro lado, o professor italiano se sente forçado (talvez por sua própria condição de romancista) a reconhecer que o “pobre autor” não pode ser simplesmente eliminado da história da interpretação. Também acredito que o autor empírico não pode ser excluído por completo, mas é necessário redefinir seu papel na produção de autor e leitor modelos.

O autor empírico pode exercer um papel importante na construção do autor-modelo. Quando está diante de um texto, o leitor imediatamente o relaciona às circunstâncias de sua enunciação. Uma das primeiras perguntas que faz concerne o tipo de texto que ele tem diante de si: é um artigo científico, um relato biográfico, um romance? Acredito que o autor empírico já começa a se “intrrometer” no processo de interpretação nesse momento. O nome Khaled Hosseini escrito na capa de um livro dificilmente indicará que o leitor pode encontrar ali um artigo científico, por exemplo. Assim, as informações que o leitor tem sobre o autor empírico farão com que seu leque de opções se restrinja. O leitor faz também suposições acerca de “esquemas retóricos e narrativos que fazem parte de um repertório selecionado e restrito de conhecimento” (ECO, 1979b, p. 66), baseado na

leitura prévia de *The Kite Runner* (2003), no caso de Hosseini, e de outros romances escritos na mesma época e que têm povos de cultura islâmica como tema.

Eco segue afirmando que o “repertório selecionado e restrito de conhecimento” (1979b, p. 66) não é comum a todos os membros de uma cultura. Haverá leitores que, possuidores de um vasto conhecimento cultural e competência intertextual, estarão mais motivados a cooperar com um texto e interpretá-lo com base nas pistas que ele oferece. Entretanto, há um autor (empírico) que foi capaz, consciente ou inconscientemente, de selecionar determinados esquemas retóricos e narrativos ou determinadas estratégias textuais, impulsionado por um leitor-modelo, durante o processo de geração do texto. Esse autor possui em seu repertório um arsenal de possibilidades que têm por base sua própria competência enciclopédica construída, inclusive, a partir de outras leituras. Se, como afirma Eco (p. 64), “nenhum texto é lido independentemente da experiência que o leitor tem de outros textos”, considero que nenhum texto é tampouco escrito sem levar em conta a experiência que o autor empírico tem de outros textos. Tal experiência inclui as normas, os valores e a poética a que todos os textos e autores estão sujeitos e que podem questionar (ISER, 1978). Normas, valores, coerções e poética são discutidos por André Lefevere em relação à tradução, mas também se aplicam ao fenômeno da escrita. É minha crença que os escritores, estando sujeitos a normas, valores, coerções e poética – que também estão entre as condições de produção de uma obra –, os utilizam, consciente ou inconscientemente, de propósito ou ao acaso, durante o processo de geração de seus textos. É impossível então considerar que um autor empírico não esteja sujeito a esses fatores quando escreve e que eles não influenciem o processo criativo. Na verdade, acredito que o autor empírico responde a seu leitor-modelo, construído a partir da visão que aquele adquire sobre este na sua relação com o mundo e com outras obras. Quando o tradutor lê o romance que vai traduzir, ele(a) assume o papel do leitor-modelo, segue as pistas deixadas pelo autor e coopera com o texto. Entretanto, o tradutor precisa imaginar outro leitor-modelo – inserido em outro contexto – e recriar o autor-modelo inscrito no original, já que está sujeito a outras condições de produção que influenciam e limitam a tradução.

Finalmente, quero destacar que o tradutor encontra-se duplamente limitado, por assim dizer. Ele lida com limites representados pelo autor-modelo do original inscrito no texto e com aqueles representados pelas condições em que o leitor-modelo da tradução está inserido. Assim, o tradutor profissional busca, em geral, o equilíbrio para que o produto de seu trabalho seja um texto que promova a comunicação com o leitor estrangeiro.

O objetivo deste trabalho é o de verificar até que ponto as marcas presentes no texto original atuam como limites para a tradutora de *A Thousand Splendid Suns*, Maria Helena Rouanet. De maneira especial, pretendo verificar se a tradutora utiliza as técnicas de adaptação local usadas por Khaled Hosseini para “traduzir” itens da cultura afegã para o leitor norte-americano.

2 Tratamento do Corpus

Cabe aqui uma breve descrição do *corpus* utilizado nesta pesquisa e de como ele foi organizado, utilizado e analisado.

Depois de selecionar o romance, li o texto traduzido integralmente e, durante a leitura, registrei os IECs acompanhados de suas respectivas páginas em uma tabela. Em seguida, li o texto original, identifiquei os itens e os registrei na tabela comparativa. Os IECs identificados são os que remetem a culinária, instituições, vestuário, religiosidade e logradouros.

Para os propósitos deste trabalho, destaco algumas ocorrências de IECs que exemplificam a atuação da tradutora, que por vezes se aproxima e por outras se afasta dos limites do autor-modelo original.

3 Khaled Hosseini e o Uso das Técnicas de Adaptação Local

É necessário esclarecer, em primeiro lugar, que *A Thousand Splendid Suns* é um romance escrito por um autor afegão que “escrevia em farsi, passou para o francês e agora escreve em

inglês⁵”. A *Thousand Splendid Suns* não é, portanto, recebido como uma tradução pelo público-leitor norte americano. Entretanto, o autor usa técnicas vistas como “técnicas de tradução” para narrar uma história que se passa no Afeganistão e que é permeada de elementos que geram lacunas culturais.

Khaled Hosseini opta pela **presença visível** da cultura afegã no texto original e o faz de maneiras distintas. Em primeiro lugar, os IECs aparecem grafados em itálico, e assim o autor demonstra, de forma imediata, que aquele termo não pode ser tido como um vocábulo da língua inglesa. Entretanto, há também termos estrangeiros que não são italicizados. Esse é o caso das palavras *tandoor*, *kebab*, *burqa*, *bazaar* e *jihad*. Já dicionarizados, esses termos formam hoje, por assim dizer, a competência enciclopédica de milhares de leitores, especialmente depois dos atentados de 11 de setembro, quando o mundo inteiro passou a se interessar mais pela cultura dos países islâmicos.

Outra maneira de manter a cultura afegã presente no original se dá através da utilização de uma técnica de adaptação local: a glosa intratextual. Ao usar essa técnica, mantém-se o IEC – em geral grafado em itálico – e acrescenta-se uma explicação no texto em si, como um aposto. A inscrição dessa marca no original demonstra a preocupação com a comunicação intercultural, já que o autor não deixa o leitor sem auxílio e insere explicações que facilitam o ato cooperativo da leitura sem apagar sua cultura de origem. Alguns exemplos são:

She did not know what this word *harami* – bastard – meant. (p. 4)

And so there was Gul Daman’s leader, the village *arbab* ... (p. 15)

But Mariam’s favourite, other than Jalil of course, was Mullah Faizullah, the elderly village Koran tutor, its *akhund*. (p. 15)

Jalil brought clippings from Herat’s newspaper, *Ittifaq-i Islam*, and read from them to her. (p. 21)

As marcas deixadas pelo autor no original incluem ainda a repetição de IECs, sem a inserção de explicações. Entretanto, o autor deixa, na própria narrativa, pistas que auxiliam o leitor na cooperação com texto, pois explicam, por assim dizer, o elemento estrangeiro. Vejamos alguns exemplos:

... the day when Jalil visited her at the *kolba*. (p. 3)

Nanna looked so mad that Mariam feared the *jinn* would enter her mother’s body again. But the *jinn* didn’t come, not that time. (p. 4)

In the women’s *hamam*, shapes moved about in the steam around Mariam, a glimpse of a hip here, the contour of a shoulder there. (p. 81)

They sat and smoked atop tanks, dressed in their fatigues and ubiquitous *pakols*. (p. 157)

He was standing in Mariam’s door, puffy-eyed, wearing only a *tumban* tied with a floppy knot. (p. 212)

Vimos assim, ainda que brevemente, que o autor não abre mão da presença de sua cultura de origem e inscreve no texto, consciente ou inconscientemente, técnicas de adaptação local que podem ser vistas, nas palavras de Javier Aixelá (1996), como estratégias de conservação, aquelas que marcam a presença da cultura estrangeira.

4 Maria Helena Rouanet e a tradução propriamente dita

O sucesso absoluto de vendas de *The Kite Runner* e de outros romances que narram histórias passadas em países de cultura islâmica explicam o lançamento da tradução de *A Thousand Splendid Suns* (2007) no mesmo ano em que foi lançado nos Estados Unidos aqui no Brasil. Maria Helena

Rouanet, tradutora de ficção e das duas obras de Khaled Hosseini, já havia declarado que os prazos curtíssimos “mandam em sua agenda”⁶. A *A Thousand Splendid Suns* foi mais um romance traduzido em prazo curtíssimo.

Maria Helena Rouanet também utiliza técnicas de adaptação local, marcas do autor-modelo original, no texto traduzido. Entretanto, sua tradução apresenta algumas diferenças. Ou seja, nem sempre a tradutora se deixa limitar pelo autor-modelo original. Passemos então às semelhanças e diferenças entre os dois textos.

A grafia em itálico é mantida pela tradutora. Entretanto, Maria Helena Rouanet grifa mais termos além daqueles grifados no texto original. Esse é o caso das palavras *tandoor*, *kebab*, *burqa*, *bazaar* e *jihad*, que aparecem grifadas na tradução para o português. Ou seja, o leitor brasileiro, alvo da tradução, deverá perceber no primeiro contato com a manifestação linear do texto traduzido que *tandoor*, *kebab*, *burqa*, *bazaar* e *jihad* são palavras estranhas ao idioma nacional.

As glosas intratextuais, frequentes em *A Thousand Splendid Suns*, também estão presentes em *A Cidade do Sol*. Vejamos alguns exemplos em que a tradutora permanece dentro dos limites marcados pelo autor-modelo original:

(a)

1 She did not know what this word <i>harami</i> – <u>bastard</u> – meant. (p. 4)	Não conhecia aquela palavra, <i>harami</i> , e não sabia que significava “ <u>bastarda</u> ”. (p. 9)
2 And so there was <u>Gul Daman’s leader</u> , the village <i>arbab</i> , Habib Khan, ... (p. 15)	Havia Habib Khan, o <i>arbab</i> da aldeia, <u>o líder da comunidade de Gul Daman</u> , ... (p. 20)
3 But Mariam’s favourite, other than Jalil of course, was Mullah Faizullah, <u>the elderly village Koran tutor</u> , its <i>akhund</i> . (p. 15)	Mas a visita preferida de Mariam, além de Jalil, é claro, era o mulá Faizullah, <u>o mais velho dos <i>akhund</i>, os guardiães do Corão da aldeia</u> . (p. 15)
4 Jalil brought clippings from <u>Herat’s newspaper</u> , <i>Ittifaq-i Islam</i> , and read from them to her. (p. 21)	Jalil trazia recortes do <i>Ittifaq-i Islam</i> , <u>o jornal de Herat</u> , e lia as notícias para a filha. (p. 26)

Quanto às repetições de IECs, as marcas da tradutora Maria Helena Rouanet diferem, por vezes, daquelas inscritas no texto original. Vejamos alguns exemplos:

(b)

1 ... the day when Jalil visited her at the <i>kolba</i> . (p. 3)	... quando Jalil vinha visitá-la na <i>kolba</i> <u>onde morava</u> . (p. 9)
2 Nanna looked so mad that Mariam feared the <i>jinn</i> would enter her mother’s body again. But the <i>jinn</i> didn’t come, not that time. (p. 3-4)	A mãe parecia tão furiosa que Mariam teve medo de que um <i>jinn</i> fosse se apoderar de seu corpo novamente. Mas <u>o gênio</u> não veio, não desta vez. (p. 9)

Note-se que a tradutora insere elementos que esclarecem o significado (na *kolba* onde morava) ou usa outra técnica – a tradução explicativa, omitindo o termo e o reformulando em suas próprias palavras (o gênio, em vez de *jinn*). Note-se também que *jinn* é repetido no original em

inglês e que a tradutora parece querer evitar a repetição, por uma questão de estilo. Tal hipótese se confirma em outros momentos da tradução. Vejamos quais são eles.

(c)

1 In the clearing, Jalil and two of his sons, Farhad and Muhsin, built the small <i>kolba</i> where Mariam would live the first fifteen years ... Jalil put in a new cast-iron stove for the winter and stacked logs of chopped wood behind the <i>kolba</i> Jalil could have hired laborers to build the <i>kolba</i> , Nana said, but he didn't. (p. 10)	Na clareira, Jalil e dois de seus filhos, Farhad e Muhsin, construíram a pequena <i>kolba</i> onde Mariam viveria os primeiros quinze anos ... Jalil instalou ali um fogareiro de ferro para o inverno e fez uma cerca de toras de madeira nos fundos da <u>cabana</u> Jalil podia ter contratado operários para a construção da <i>kolba</i> , observou Nana, mas não contratou. (p. 15)
2 Usually, he came alone to the <i>kolba</i> , though sometimes with his russet-haired son Hamza, who was a few years older than Mariam. When he showed up at the <i>kolba</i> , Mariam kissed Mullah Faizullah's hand ... After, the two of them sat outside the <i>kolba</i> , ate pine nuts and sipped green tea ... (p. 16)	Em geral, vinha sozinho até a <i>kolba</i> ; às vezes, porém, trazia consigo o filho Hamza, um menino de cabelo avermelhado, pouco mais velho que Mariam. Quando o mulá chegava [-], Mariam beijava sua mão ... Mais tarde, sentavam-se ambos do lado de fora da <i>kolba</i> , comendo pinhões, tomando chá verde ... (p. 21)
3 Once they had taken their share, the women and children settled on the floor around the <i>sofrah</i> and ate. It was after the <i>sofrah</i> was cleared and the plates were stacked in the kitchen ...(p. 151)	Depois que eles tinham se servido, as mulheres e as crianças se sentaram no chão, ao redor da <i>sofrah</i> para comer. Quando elas já tinham retirado os pratos [-], levado tudo para a cozinha ... (p. 148)

É importante observar que Maria Helena Rouanet prefere evitar a repetição de IECs quando eles não são necessários no texto traduzido para que a comunicação com o leitor aconteça. Ou seja, a tradutora parece optar pela tradução explicativa (como em b2 e c1) ou pela exclusão (como em c3) quando está diante de termos que aparecem mais de uma vez em determinado trecho. Assim, ela escolhe ultrapassar o limite (o uso da técnica da repetição) que o texto original apresenta e privilegia, a meu ver, o estilo e a comunicação com o leitor.

Finalmente, há ainda outros momentos em que Maria Helena Rouanet opta pela tradução explicativa e exclui o estrangeiro do texto traduzido. Vejamos alguns exemplos:

(d)

1 Mariam walked along noisy, crowded, cypress-lined boulevards, amid a steady stream of pedestrians, bicycle riders, and mule-drawn <i>garis</i> . (p. 28)	Mariam saiu andando pelas avenidas margeadas de ciprestes, barulhentas e apinhadas de gente; lá ia ela em meio a um fluxo denso de pedestres, ciclistas, <u>charretes</u> puxadas por mulas, e ninguém lhe atirou pedras. (p. 33)
---	---

2 The other was the man who had been fanning the kebab skewers. (p. 154)	O outro era quem estava abanando os <u>espetos de carneiro na grelha</u> . (p. 151)
---	---

5 Considerações finais

Neste trabalho, pretendi comparar o tratamento dados aos IECs pelo escritor que narra sua própria cultura ao narrar uma história e o tratamento dados aos mesmos IECs pela tradutora.

Khaled Hosseini, autor de *A Thousand Splendid Suns*, encontra-se diante de lacunas culturais ao escrever o romance e opta pela manutenção dos termos, repetindo-os e inserindo explicações ao longo do texto quando julga necessário. O resultado é um texto em que se percebe a presença do estrangeiro, mas também um texto em que a estranheza não torna a cooperação com o texto difícil para o leitor, já que sua competência enciclopédica vai sendo construída durante a narrativa.

Maria Helena Rouanet, por sua vez, diante das lacunas culturais que os IECs representam, tem dois procedimentos à sua escolha: ou adota as técnicas inscritas no original, marcas do autor-modelo, ou opta por outros procedimentos, afastando-se do limite que o autor-modelo original representa. No texto traduzido, verifica-se que Rouanet repete, de maneira geral, as escolhas inscritas pelo autor. Entretanto, há momentos em que a função mediadora da tradução parece sobrepor-se ao limite imposto pelo original e a tradutora facilita o ato cooperativo da leitura apagando, por vezes, a cultura afegã ou inserindo expressões que ajudam o leitor brasileiro. Verifica-se também, no texto traduzido, a preocupação com o estilo do texto, já que a tradutora evita algumas das repetições presentes no texto original.

6 Referências

- [1] ANTUNES, M. A. G. O Respeito pelo Original – um Estudo da Autotradução a partir do Caso de João Ubaldo Ribeiro. Tese de Doutorado inédita. Rio de Janeiro: PUC, 2007.
- [2] BENTES, C. M. Clifford Landers – Tradutor do Brasil. Dissertação de Mestrado inédita. Rio de Janeiro: PUC, 2005.
- [3] ECO, Umberto. **The Role of the Reader. Explorations in the Semiotics of Texts**. Bloomington: Indiana University Press, 1979a.
- [4] _____. **Lector in Fabula**. Tradução por Atilio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1979b.
- [5] _____. **Six Walks in the Fictional woods**. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- [6] _____. **Os Limites da Interpretação**. Tradução por Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- [7] _____. **Interpretação e Superinterpretação**. Tradução por MF. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- [8] FRANCO AIXELÁ, Javier. Culture-specific Items in Translation. In: ÁLVAREZ, R. & VIDAL, C. A. **Translation Power Subversion**. Clevedon: Multilingual Matters, 1996, pp. 52-78.
- [9] HOSSEINI, K. **A Thousand Splendid Suns**. Nova York: Riverhead Books, 2007.
- [10] _____. **A Cidade do Sol**. Tradução por Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- [11] ISER, W. **The Act of Reading. A Theory of Aesthetic Response**. Amsterdã: John Hopkins, 1978.

[12] RABENHORST, E. R. Sobre os Limites da Interpretação. O Debate entre Umberto Eco e Jacques Derrida. In: **Prim@ Facie** 1(1), 2002. Disponível em: http://ns.ccj.ufpb.br/primafacie/prima/artigos/n1/artigo_1.pdf. Acesso em 03 fev. 2006.

¹ No dia 31/05/2008, *A Cidade do Sol* era o terceiro colocado na lista dos mais vendidos do jornal carioca.

² O primeiro, *The Kite Runner* (Riverhead Books, 2003), permaneceu em listas de bestsellers nos Estados Unidos por mais de dois anos e vendeu mais de 4 milhões de cópias.

³ http://veja.abril.com.br/080807/p_136.shtml

⁴ Um exemplo da construção da competência do leitor-modelo está em *Lector in fabula* (Eco, 1979b, p. 40).

⁵ Ver www.terra.com.br/istoe/edicoes/1971/imprime57652.htm

⁶ Ver www.diarioon.com.br/arquivo/4363/cadernos/viver-15307.htm